

## **Laurinda dos Santos Lobo e a moda: os figurinos e as sociabilidades na Belle Époque**

Andresa Taís Bortoloto de Lima<sup>1</sup>

**Resumo:** O texto explora a trajetória de Laurinda Santos Lobo (1878-1946) sob o foco da moda. Considerada pela história e historiografia das mulheres como personalidade marcante na sociedade e na cultura da capital da República do início do século XX, o percurso de Laurinda foi usado como estratégico para a compreensão das transformações ocorridas na moda. Mostramos, assim, como o individual e o coletivo mesclam-se nas ações e nas representações memorialísticas e que lembram e mostram o papel desempenhado pela personagem na cultura da moda carioca.

**Palavras-chave:** Moda, Cultura, Laurinda Santos Lobo, Belle-époque, Memória.

### **Introdução**

Diversas perspectivas teóricas e metodológicas conduzem os estudos das trajetórias de personagens e personalidades históricas femininas. De certa forma, a abordagem dos percursos das mulheres possibilita descortinar uma ampla gama de temáticas relacionadas às apropriações das roupas, às circulações das práticas de vestir nas ambiências, às influências dos comportamentos e dos estilos de vida de algumas personagens sobre os segmentos femininos.

As potencialidades dos estudos biográficos para a abordagem da moda revelam-se nesta reflexão de Rachel Soihet (2009, p.47), a abordagem biográfica permite situar no centro da problemática a experiência social das mulheres, “não como uma essência qualquer que nos confiaria um segredo de uma identidade feminina hipotasiada”, mas com o movimento de um perpétuo e incessante “vai e vem, entre o dado e vivido, o objetivo e o subjetivo, as determinações e as margens de manobra”, de maneira que neste social e nas estratégias individuais, insere-se um “projeto e que constrói e reconstrói sem cessar o universo social no qual se afirmam, enquanto sujeitos, os indivíduos e os coletivos”. Soihet (2009) ainda afirma que o “gênero biográfico foi a primeira forma de compor a história das mulheres”.

Sendo assim são esses princípios que iram conduzir a análise do percurso de Laurinda Santos Lobo (1878-1946). Almejo assim mostrar por meio da abordagem de seu percurso os

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, na linha de Fronteiras, Populações e Bens Culturais. (e-mail: andresabortoloto@gmail.com)

relacionamentos estabelecidos e as sociabilidades construídas por uma mulher com os “mundos da cultura” (CRANE, 2011), que caracterizam a arte e a moda no período da *Belle Époque* carioca. Pressuposto, portanto, que por meio da personagem descortinam-se as contribuições de Laurinda na produção e na disseminação de significados para a moda pensando assim Laurinda como consumidora e indo além como produtora e “difusora” de moda na capital federal no contexto da *Belle-époque*.

A expressão Belle Époque assim definida como “... longo interregno de paz que se estendeu de 1870 até a Primeira Guerra Mundial e durante a qual prosperou uma rica burguesia, brilhante e fútil” (Paes, 2007). Fenômeno urbano e observado em vários setores da vida artística e cultural (na música, na moda, na língua etc.), o período caracteriza-se ainda por ser um paradoxo: a manutenção do “desejo de ser estrangeiros e a busca de nossas raízes” definem, ainda, Prado e Braga (2012).

Numa análise mais detalhada da *Belle Époque*, Feijão (2011) indicou os caminhos percorridos pela moda na capital da República em suas articulações com a modernidade e a modernização da cidade, ou seja, como o processo de urbanização dos espaços foi acompanhado por novos valores e comportamentos traduzidos e expressados em roupas, pelo surgimento de novas esferas de sociabilidades e de aparências. Nas palavras da autora (2011, p. 21), “Paris era também o modelo de civilização”. Ao detalhar os teores das mudanças, comenta “Os conceitos de civilização, modernidade e progresso definiram não somente os rumos da cidade”. Assim, é de se pensar que os novos conceitos, abraçados e disseminados pela elite carioca foram profundos, afetando as maneiras de viver, de sentir e de se vestir das pessoas tanto nos espaços públicos e privados das sociabilidades; por formas de promoção e de difusão de roupas, valores, comportamentos, crenças compatíveis com a modernidade e a modernização almejadas por homens e mulheres para si, como indivíduos e para o país.

São questões como esta que permeiam a análise do percurso de Laurinda Santos Lobo, uma mulher inserida no contexto das antigas oligarquias e aristocracias urbanas que criou para si uma narrativa que revela como ela incorporou e traduziu em sua existência o projeto da *Belle époque*. Laurinda entrelaçou uma promoção de si e do país, que caminharam juntas e fundamentaram suas práticas de ser, de se mostrar, de se fazer ver e de ser conhecida entre pessoas, fabricando assim uma memória de si própria relacionando diretamente um conceito de moda na memória do período.

Eis o encaminhamento do texto, mostrando como a vida de Madame Santos Lobo a transformou em uma personagem de uma narrativa de moda de um determinado período. Dessa forma a trajetória de vida, de Laurinda corresponde a um “observatório de moda” (VEILLON, 2004, P.7). Nesse contexto é preciso então compreender as relações entre a atuação individual e as transformações coletivas, para então deixar claro as formações e as sociabilidades de Laurinda, a sua construção de redes de amizade e promoções recíprocas entre o mundo da arte e a emergência de códigos de requinte e elegância que definiam o que era ser e como viver como pessoas modernas.

### *Laurinda, uma narrativa*

Laurinda Santos Lobo nasceu em Cuiabá, capital da província de Mato Grosso, em 1878. Órfã de pai ficou sob a proteção da família materna, os Murtinho, sendo seu tio, Francisco Murtinho a figura masculina de sua referência. Por muito tempo acreditou-se que Madame Santos Lobo teria passado sua infância e adolescência em Paris, fato este que fora negado pela família paterna.

Com 16 anos, Laurinda mudou-se para a capital federal, instalando-se no bairro de Santa Tereza. Os próximos anos seriam da ascensão da jovem no cenário da alta-sociedade carioca. Em 1903, Laurinda, dona de grande prestígio, começava a aparecer nas colunas sociais da época, sempre acompanhada de figurões da sociedade e por nomes influentes no contexto político da capital. Isso muito se deve a presença do seu tio, Joaquim Murtinho, ex-ministro da fazenda do governo do Presidente Campos Sales. O mesmo vem a falecer em 1911 e, por não apresentar descendentes, torna a jovem Laurinda sua única herdeira, transformando-a em uma mulher de grande influência na sociedade devido às suas posses, logo começa a ter mais evidência no contexto social da época. No espólio de tio Joaquim constava as posses mais evidentes do Império Murtinho: a Mate Laranjeira, ações da Ferro Carril, a vila de Petrópolis e o que seria o símbolo mais emblemático de Madame Santos Lobo, o palacete dos Murtinho em Santa Tereza.

De posse do Palacete, dona Laurinda abre seu salão e consolida de vez seu prestígio na sociedade carioca. O palacete dos Murtinho acaba se tornando o centro de efervescência da sociedade carioca. Foi palco de encontros dos mais notáveis intelectuais brasileiros e estrangeiros da época. Nas reuniões e saraus de Madame Santos Lobo figuravam personalidades importantes daquela sociedade, como, por exemplo, os presidentes Nilo Peçanha e Epitácio

Pessoa e sua primeira dama Nair de Tefé, além personalidades internacionais como o escritor francês Anatole France e a bailarina Isadora Duncan. A fortuna de Laurinda possibilitou que ela se tornasse uma mecenas das artes carioca, patrocinando e promovendo artistas brasileiros, “Laurinda Santos Lobo, mais centrada no fomento à atividade artística do que na preservação do patrimônio cultural” (MACHADO, 2002 p. 158). Para a presente pesquisa, é de fundamental importância compreender como se deu a influência dessa importante figura para a consolidação das artes na sociedade carioca.

A vida de Laurinda não foi de nenhuma maneira limitada somente à vida social e cultural do Rio de Janeiro, ela também se destacou por seu envolvimento com as questões políticas e se destacou por sua luta pelos direitos da mulher. No ano de 1927, foi presidente do conselho da Frente Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF), em que promoveu um abaixo-assinado com duas mil assinaturas pela aprovação no congresso nacional do direito ao voto das mulheres, como informa a Enciclopédia das Mulheres Brasil 500 anos (2000 p. 313). Porém, mesmo com sua luta e engajamento nas causas feministas, a figura de Laurinda Santos Lobo foi relegada a de anfitriã de seu salão, no início do século XX. Logo, constitui-se como objetivo desse trabalho apontar como a presença dessa ilustre mulher na sociedade carioca do início do século XX é de fundamental importância para o desenvolvimento artístico e político da época.

### **Laurinda e as construções da personagem como da e na moda**

Madame Santos Lobo ocupa na grande sociedade carioca, com a maior justiça, um alto lugar de destaque e elegância [...] Seu porte, a sua linha impecável concorrem enormemente com os triunfos contínuos de seu salão [...] Suas toaletes vinda de Paris, os seus chapéus notáveis e custosos iguais aos que as princesas usam para fazer footing numa tarde de Bois; suas joias lindíssimas; seus perfumes raros, Coty fabricava exclusivamente para os requintados da cidade poderosa, são sempre os melhores, belos e originais. (GARDÊNIA apud MACHADO, 2002).

Em 1915, madame Laurinda era descrita dessa forma pelo cronista Paulo de Gardênia que consagrava a figura de Laurinda em suas crônicas, e ainda dizia “verdadeira parisiense de Saint Germain” (GARDÊNIA apud MACHADO, 2002). A figura de Laurinda, sua elegância e seu comprometimento com a moda, seria exaltada e proclamada por inúmeros cronistas e jornalistas da *Belle Époque* Carioca. Entre eles João do Rio e o próprio Paulo de Gardênia, amigos de

Laurinda e frequentadores de seu salão, não se cansariam de engrandecer e, em toda oportunidade, destilar sua admiração por Madame Santos Lobo.

Entre os cronistas de moda e amigos outra pessoa que sempre ressaltava a figura de Laurinda era Nair de Teffé, que foi primeira-dama do Brasil, casada com Hermes da Fonseca e primeira cartunista brasileira grande amiga de Laurinda, que segunda Nair “quem mais a animou no Brasil no início de carreira”. Essa amizade entre Laurinda e Nair deixou diversos rastros visuais como na charge publicada na revista Fon-fon9! em 1910, onde Nair assinava sob o pseudônimo de Rian.



(Fonte: Galeria das Elegâncias. Fon-Fon!,1910, p. 15)

Na legenda lê-se “A super-chic Mme. S.L ou a Victoria de Mato Grosso sobre Paris”. O ressaltado é o bom gosto e o estilo de Laurinda dos Santos Lobo (1878-1946), construção para a imagem de uma mulher que ainda ressoa nas narrativas memorialísticas quando se busca saber quem foi e o que fez a personagem na época em que viveu, ou seja, os significados que as formas de viver e de se vestir de Laurinda tiveram na formação de ideias e representações para a noção de elegância.

Porém, essa não era a única opinião que circulava naquela sociedade, muitas pessoas do círculo social de Laurinda, discordavam com veemência de sua elegância, classe e toailete, como bem mostra Machado (2002, p.108) ao relatar a fala de uma contemporânea a Laurinda; “a figura de dona Laurinda estava longe das noções de elegância e que primava pelo excesso e não pela discrição” e, ainda, apresenta a seguinte descrição feita por Carolina Nabuco, a qual dizia que Laurinda apresentava:

certa falta de gosto ou de discrição e a figura tendente ao peso não a ajudavam perante os mais exigentes. Os seus vestidos chegados ou não de Paris eram sempre fora do banal. Podiam ser adequados ao seu destaque nas reuniões sociais; porém, as vezes, ficava mais apropriado ao palco do que a salões. (OLYMPIO apud MACHADO, 2002).

Essa crítica direcionada à figura de Laurinda e seu desenvolvimento na sociedade eram oriundas, principalmente, das famílias tradicionais, “famílias de prestígio”, que viam com vulgaridade o modo de agir de Laurinda. Apesar das críticas e da desconfiança em relação ao seu comportamento, Madame Santos Lobo brilhava na década de 1910. Laurinda era a mulher de maior sucesso no mundo social do Rio de Janeiro. Em 1916, seria proclamada a “Marechala da Elegância” pelo cronista João do Rio, “é prazer dos olhos e prazer mental olhar a harmonia ao mesmo tempo a ousadia discreta, o trabalho criador que é uma das toaletes da senhora dona Laurinda” (RIO, apud, MACHADO, 2002, p.110). João do Rio faria de Laurinda personagem de muita de suas crônicas, sempre exaltando e afirmando a elegância da mesma, o que torna sua produção de fundamental importância para essa pesquisa.

Para tanto, faz-se necessário compreender durante a presente pesquisa como Dona Laurinda fez de suas roupas sua marca. Já que é indiscutível o fato de que para ela as questões de moda transcendem a sua posição social e são mais que simples adornos para sustentar sua classe,

mas sim aparecendo como “um sistema de signos que dona Laurinda conscientemente privilegiou” (MACHADO, 2002 p. 114). Um exemplo de como Laurinda fazia uso desses signos de forma consciente pode ser visto durante a Primeira Guerra Mundial que, em apoio à França, Madame Santos Lobo circulou com anéis nas cores da bandeira francesa, um diamante, um rubi e uma zafira, demonstrando seu apoio e solidariedade à França, terra que dona Laurinda fez um segundo lar. Outro exemplo é que mesmo vivendo na capital federal durante a Revolução de 32, dona Laurinda não escondia seu apoio aos paulistas. Certa vez, em um de seus saraus em homenagem aos revolucionários paulistas, veste uma de suas afilhadas com cores da bandeira de São Paulo. Outro acessório privilegiado por Madame Santos Lobo, foi o leque, possuía o status de indispensável para uma dama de classe na Belle Époque e era usado como objeto no jogo de sedução e dona Laurinda sempre apreciou o uso dele e foi uma mestra nesta arte. Na imagem fica claro toda a classe e a elegância de Madame Santos Lobo usando um de seus leque e forma sutil de chamar atenção a certa área do corpo.



Fonte: acervo pessoal Hilda Machado, publicado no livro “*Laurinda Santos Lobo: mecenas, artistas e outros marginais em Santa Teresa*”.

Fora do salão e de reuniões sociais que tanto gostava, no ambiente doméstico surgia uma Laurinda sedutora que, “em casa ela andava feito uma deusa, uma ninfa sempre de *peignoirs* flutuantes em cor pastel, com seus pés pequenos ponto alto de seu fascínio” (MACHADO, 2002 p. 115). Por isso Dona Laurinda foi “exceção a regra” segundo Jeffrey Needell (1993) e Madame Santos Lobo nunca se dobrou a moralidade vigilante da sociedade da capital da república, segundo Needell, (1993) “Dona Laurinda, indomável”.

A vida de Laurinda está vinculada ao período da República Velha, a vida social em efervescência na capital federal e no charmoso período da “Belle Époque” que, segundo Weber (1998), “Depois do término da guerra tornou-se moda chamar os anos que a precederam de belle époque... os dez anos e pouco antes de 1914”. Laurinda era estrela nesse período, sua personalidade de anfitriã, sua riqueza resplandeciam em suas roupas que refletia essa presença fascinante.

Nessa época a roupa era mais que simplesmente um acessório para cobrir o corpo, ela servia como item de afirmação da individualidade e era também utilizada como reforço na demonstração da divisão da sociedade. Roche (2007, p.15) ao dizer que “As roupas significam então, muito mais do que aparentam, como as palavras de uma língua, que precisam ser explicadas e traduzidas”, explica fundamentalmente essa construção da mística do vestir e a moda uma linguagem particular, sempre traz mais significados do que uma simples olhada pode traduzir. Laurinda fez uso desses artifícios como uma maneira de expressar a sociedade, para ela à moda foi além do básico foi construção de uma “personagem” que precisava honrar o título de *Diva dos Salões*, indiferente aos ditames da sociedade. Isso explica conceito pessoal de moda de Laurinda, que foi acusada algumas vezes de vulgar, sempre primando pelo excesso a beira do ridículo e ignorando a discrição. Ela não se vestia para agradar as pessoas, se vestia para aparecer ser vista e reverenciada a sua personalidade fez surgir seu próprio conceito do que era ou não elegante.

## **Como Definir Moda**

A moda pode ser um modo de expressão coletivo ou individual que tem na roupa propriamente dita um conjunto de signos e interpretações. A palavra moda significa costume e provém do latim *modus*. É composta de diversos estilos que podem ter sido influenciados sob vários aspectos. Para Daniela Calanca (2003), é um dispositivo social definido por uma temporalidade muito breve e por mudanças rápidas, que envolvem diferentes setores da vida coletiva.

Desde que se tornou possível reconhecer a ordem típica da moda como sistema, com suas metamorfoses e inflexões, a moda conquistou todas as esferas da vida social, influenciando comportamentos, gostos, idéias, artes, móveis, roupas, objetos e linguagem (CALANCA 2008, p.13).

A moda é um fenômeno humano, e desse modo está sujeito a transformações e ressignificações e atado ao contexto e relações sociais que ela está inserida. Lipovetsky (1989) aponta como que, vinculada à cultura específica de cada sociedade, a indumentária usada em cada período histórico acaba por refletir seus hábitos e costumes, as roupas atuam neste sentido como um reflexo da cultura do período histórico analisado, em vez de unificar as aparências, a moda amplia as possibilidades de com ela lidar. Nessa lógica, as roupas adquirem múltiplos significados.

E moda é cultura, embora transformada e fadada a ser reconhecida como uma cultura marginal permeada de preconceito dado seu caráter comercial. É cultura, pois leva em suas criações, (não exaltando somente o aspecto da alta-costura) múltiplos significados, símbolos de uma sociedade, ressaltando as particularidades desde os conceitos de gêneros até a religiosidade embora em certos momentos adquira um caráter coletivo as diferentes culturas. CHATAIGNIER (2011, p.04) diz:

Moda é cultura. Mesmo que alguns analistas enfatuados a vejam como uma atividade frívola e fútil, é inegável que objetivamente a moda está inserida no universo cultural, dado que ela projeta em objetos os signos, os símbolos e as emoções característicos do humano.

AZZI (2010) também discute a problemática quantos aos preconceitos que se situam ao estudar moda, “a moda por sua aparente banalidade, sempre se colocou distantes dos campos de estudos”. Mas AZZI (2010) também projeta dias melhores relacionados ao estudo moda, um momento em que ela vai perdendo esses pré-conceitos e se tornando um campo de pesquisa dito sério.

Vê-la como discurso e como objeto de pesquisa é uma questão que vem sendo construída de maneira lenta, mas firme. Está na hora de olhar a roupa como matriz, elemento fundador, e, não mais como acessório; (AZZI, 2010).

“Falar em moda é falar em cultura, é penetrar no mundo da cultura” (CRANE, 2007), por isso um trabalho que vai se pautar na pesquisa sobre moda, não pode deixar de fora um estudo da cultura e da história cultural. Embora esses dois conceitos ainda não tenham arrumado para si um definição própria, pois cada historiador faz uso de definição. Mas Roger Chartier, tem uma boa definição para história cultural e deixa bem clara a problemática da definição ao mesmo tempo em que não a limita.

Existe um grande risco de não poder traçar um fronteira segura e clara entre história cultural e outras histórias(...). (...) Devemos, por isso mudar de perspectiva e considerar que toda história, qualquer que seja, econômica ou social, demográfica ou política, é cultural na medida em que todos os gestos, todas as condutas, todos os fenômenos objetivamente mensuráveis sempre serão resultado das significações que os indivíduos atribuem as coisas, palavras e as ações. (CHARTIER, 2007, p.22)

Assim Chartier, amplia o campo de estudo de cultura e história cultural, o que ajuda na construção dos argumentos teóricos do trabalho. Outra abordagem teórica-metodológica do trabalho na história cultural, embora como ressalta Peter Burke (1997, p. 09) “não há uma concordância sobre o que constitui história cultural, menos ainda sobre o que constitui cultura” a partir desse questionamento de Burke pode surgir um questionamento sobre um trabalho baseado em história cultural, mas ao mesmo tempo como não existe uma absoluta concordância sobre história cultural, o tema se torna mais amplo e com maior liberdade de questionamento, no entanto feito com cuidado, levando em consideração uma delimitação segura.

Um elemento importante quando se faz um estudo sobre moda é enfatizar a relevância que terá nesse estudo as imagens, que por significativo tempo fico em segundo plano como fonte histórica assumindo simplesmente um caráter ilustrativo. Para Burke (2004) os historiadores têm

ampliado seus interesses em incluir novas tendências como história do corpo, história da cultura material e incluso história da moda. Nessa perspectiva as imagens vão ganhando espaço como fonte histórica. Pesavento (2008) elenca que para discutir as novas relações entre a história e a imagem, cabe começar por alguns lugares comuns, tais como o fato incontestável de que vivemos em um mundo perpassado por imagens, cercados e dominados por elas. Ou seja, esse fascínio que envolve os homens e as imagens tem que ser claramente delimitado e superado no ofício do historiador para não cair no erro de transformar um trabalho em a imagem proposta do uso da imagem é como fonte histórica, em um trabalho em que ela se transforma meramente em um elemento de ilustração.

### **Considerações finais**

Face o exposto é possível afirmar que Laurinda Santos Lobo encontrou uma maneira de se fazer na sociedade carioca. Ela fez da moda sua forma de apresentação conseguindo dessa maneira consolidar sua fama e posição na sociedade. As redes de sociabilidade que Laurinda manteve, esteve entrelaçada a sua maneira de vestir, Laurinda gostava de ser vista, elogiada e que sua “elegância” fosse saudada e reverenciada, Laurinda fez de suas roupas sua marca, ela ultrapassou os conceitos tradicionais de moda da época e criou seu conceito pessoal de moda.

Desse modo pode ser constatado que a moda é mais do que simplesmente se vestir, cobrir o corpo moda é um fenômeno social e cultural que impulsiona e é impulsionado pela sociedade de uma época. Ela esta intimamente ligada às relações sociais. Os resultados do trabalho demonstram que a moda seria para Laurinda, uma espécie de passaporte social, que deu a Dona Laurinda em um primeiro momento a forma de entrada na sociedade carioca e que em um segundo momento fez parte de toda a reverencia, aceitação e grande prestígio que Madame Laurinda conseguiu nessa mesma sociedade.

## Referências

- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. São Paulo: Edusc, 2004.
- BURKE, Peter. **Variiedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Editora Autentica, 2007.
- CRANE, Diana. **Ensaio sobre moda, arte e globalização cultural**. São Paulo: Senac, 2011.
- FONSECA, Nair de Teffé da. **A verdade sobre a revolução de 22**. RJ: Portinho Cavalcanti, 1974.
- FEIJÃO, Rosane. **Moda e modernidade na belle époque carioca**. São Paulo: Estação das Letras e cores, 2011.
- GALERIA das Elegâncias. **Fon-Fon!** Rio de Janeiro, n. 31, ano IV, 13 ago.1910.
- LEVI, Giovanni. **Usos da Biografia**. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína. (orgs). **Usos & abusos da História Oral**. 4ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001 p. 167-182
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero. A moda e seu destino nas sociedades modernas**. SP: Cia das Letras, 1989.
- MACHADO, Hilda. **Laurinda Santos Lobo: mecenas, artistas e outros marginais em Santa Teresa**. Rio de Janeiro: Casa das Palavras, 2002.
- NEDELL, Jeffrey. **Belle-époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Imagens na História**. São Paulo, 2008.
- ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências. Uma história da indumentária (séculos XVII –XVIII)**. São Paulo: Senac, 2007.
- SCHUMAHER, Schuma; BRASIL, Érico Vital. **Enciclopédia das Mulheres Brasil 500 anos**. SP: Editora Zahar, 2000.
- VEILLON, Dominique. **Moda & Guerra**. Um retrato da França ocupada. Tradução e glossário André Telles. RJ: Jorge Zahar Editores, 2004.